

O CULTIVO DA SEMENTE CRIOLA COMO RESISTÊNCIA AO CAPITAL: A experiência dos camponeses agroecologistas de Irati-PR

Rafael Eduardo Machado¹
Fernanda Keiko Ikuta²

Resumo

Este texto apresenta os resultados parciais e reflexões iniciais sobre a importância da cultura e do cultivo das sementes crioulas a partir da prática agroecológica no município de Irati-PR. Para compreender e contextualizar o papel das sementes crioulas hoje, buscamos fazer uma breve análise sobre o papel do agronegócio e o processo de mercantilização das sementes. Para tanto, utilizamos nesse texto entrevistas, questionários e trabalhos de campo, como aporte para explicar, ainda, as características da cultura e do cultivo das sementes crioulas, as dificuldades e desafios dos seus guardiões e como o resgate das variedades crioulas se constituíram como uma forma de (re) existência camponesa.

Palavras-chave: Sementes Crioulas, Agroecologia, Resistência

Introdução:

Vivemos no país um cenário que é resultante da modernização agrícola, que impôs a transformação da agricultura tradicional camponesa para uma agricultura comercial e convencional, baseada na monocultura em grandes extensões de terra, com a utilização de sementes híbridas, organismos geneticamente modificados e produtos químicos.

Num movimento contraditório, diante do êxodo rural e das transformações econômicas e sociais, no campo e na cidade, decorrentes do referido processo, a agroecologia, em especial ao se considerar as práticas de agricultura familiar camponesa que se baseiam na cultura e no cultivo com sementes crioulas, se apresenta como uma resistência ao capital.

É a partir dessa configuração territorial conflitante que nos colocamos no intento de compreender os esforços de (re)existência dos agricultores por meio do cultivo das sementes crioulas. Esta pesquisa, que se encontra em fase de execução, buscou, num primeiro momento, analisar a permanência das sementes crioulas no município de Irati-PR, cuja cultura e cultivo foram, a partir da década de 80, desvalorizados e sofreram fortes ofensivas por parte das empresas ligadas ao agronegócio e a produção de sementes geneticamente modificadas.

¹ Graduado em Geografia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Campus de Irati. E-mail: rafa.ctup@gmail.com.

² Professora do Curso de Geografia da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Campus de Irati. E-mail: fkikuta@unicentro.br

Buscamos também averiguar como o manejo das sementes crioulas está contribuindo para a autonomia, resistência e permanência do agricultor no campo, bem como, identificar a origem das Sementes Crioulas, utilizadas pelos camponeses vinculadas à agroecologia na região de Irati-PR, desde a origem das sementes, seleção, custos, formas de plantio.

Em seguida, nossa pesquisa teve como objetivo atualizar o mapeamento dos agricultores que se identificam com as práticas agroecológicas no município de Irati-PR, e que, portanto, estão procurando (re)inventar o resgate do cultivo de sementes crioulas, do município, a partir das características culturais e especificidades que prevalecem no cultivo de variedades crioulas.

Desta maneira, nossa pesquisa busca participar do debate do necessário fortalecimento e resgate do cultivo das sementes crioulas, desde a origem, forma de armazenamento, seleção, custos, formas de plantio e comercialização da produção.

Este resgate da cultura e do cultivo de sementes crioulas é fundamental e se justifica tendo em vista que após a Revolução Verde, iniciou-se no campo a implantação de um modelo agrícola industrial. A partir desse modelo, transcorreu a intensificação da concentração fundiária e também a ampliação dos impactos sobre o meio ambiente. Isso se fundamenta uma vez que, grande parte dos agrotóxicos utilizados na produção convencional, contaminam o solo, os rios e o ar, atingindo também o subsolo e a atmosfera (GONÇALVES, 2008).

Metodologia:

A metodologia empregada no decorrer dessa pesquisa está baseada na investigação-ação-participativa, que tem por finalidade romper com os paradigmas que se baseiam na relação sujeito-objeto, estabelecendo relação participativa entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados, tal como defende Borda (1981).

Neste sentido, trazemos para esse texto parte das informações já alcançadas através de: revisão bibliográfica sobre as sementes crioulas, agroecologia, a soberania alimentar e a modernização da agricultura; trabalhos de campo em propriedades agroecológicas e as primeiras entrevistas com os agroecologistas; participação em feiras agroecológicas e de trocas de sementes crioulas; reuniões de estudo e orientação; sistematização inicial dos primeiros dados levantados; análise e reflexões preliminares.

Cabe apontar ainda que, com cada agricultor (a) foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com o objetivo de levantar informações acerca da importância da cultura e do cultivo das sementes crioulas.

O papel do agronegócio e o processo de mercantilização das sementes

Com a modernização agrícola e a intensificação de outras práticas estabelecidas pelo sistema capitalista no meio rural, além dos sérios problemas de desigualdade social em decorrência dessa agricultura industrial, como, por exemplo, a substituição da força de trabalho do camponês por máquinas, houve também um intenso processo de contaminação dos recursos naturais, oriundo, entre outros elementos, da inserção dos agrotóxicos, insumos químicos e das sementes geneticamente modificadas nas produções agrícolas. A partir do desenvolvimento capitalista no campo, além da criação e implementação de diversos produtos conhecidos como insumos, pesticidas e herbicidas, entre outros, na agricultura, também a semente se tornou mercadoria (ANDRIOLI, 2008).

Enquanto, historicamente, a semente foi para o agricultor, apenas parte guardada da última colheita, atualmente ela tornou-se mais um insumo que precisa ser comprado. Sob uma nova ótica, as possibilidades oferecidas pelos transgênicos aprofundaram a mercantilização das sementes, alterando assim, o seu valor de uso, de tal maneira que acabam por gerar relações cada vez mais dependentes. (ANDRIOLI, 2008, p. 99).

O modelo agropecuário implantado no país a partir da “Revolução Verde” anunciava como objetivo o aumento da produção e da produtividade agrícola no mundo. Para tanto, a introdução do uso de novas técnicas de correção do solo, fertilização, agrotóxicos, maquinaria e equipamentos modernos, assim como as experiências no campo da genética vegetal, criando e multiplicando sementes com a justificativa de estar realizando a adequação às condições dos diferentes climas e solos, foram as formas de desenvolvimento desse modelo. Esse processo, que, na verdade, tinha o interesse econômico e político de implantar empresas capitalistas no campo, teve como principais consequências o êxodo rural, “o campo brasileiro abrigava mais ou menos 70% da população nas décadas de 1950 e 1960 chegando, na década de 1990, a ter menos de 30% do total da população” (BALESTRO; SAUER, 2013, p.10). A modernização no campo modificou a estrutura agrícola do país. Em grande parte, camponeses que não conseguiram se adaptar às novas técnicas e não atingiram produtividade suficiente foram expropriados de suas terras.

Como vemos, a modernização agrícola ocorrida no Brasil, consolidou o latifúndio e o agronegócio por meio da expansão, sobretudo de grãos para exportação. O contrato de mão de obra assalariada, a adoção de técnicas e máquinas intensivas em capital se instalam como sinônimo de desenvolvimento, mas expropriam, empobrecem e contaminam os camponeses.

Nesse processo, destacamos ainda que os impactos causados pela modernização da agricultura são inúmeros e agravados quando se introduz, as sementes transgênicas ou os Organismos Geneticamente Modificados.

As sementes transgênicas geralmente são destinadas à monoculturas e têm por características a indispensável utilização de inseticidas, pesticidas e herbicidas durante sua produção. Ou seja, para que uma semente transgênica se desenvolva é necessário o emprego de uma série de outros produtos, tornando o agricultor cada vez mais condicionado às empresas detentoras da patente da semente.

Nesse contexto, é inevitável perceber que a agricultura industrial está esgotando os recursos naturais, contaminando e destruindo o ambiente e colocando em risco não só a natureza, mas também a existência da agricultura familiar, uma vez que impõe a dependência dos agricultores aos denominados *pacotes tecnológicos* das empresas transnacionais que produzem e comercializam sementes transgênicas, agrotóxicos, fertilizantes e maquinários. Como aponta Andrioli: “Com a produção de transgênicos diminuem as chances para a agricultura familiar, pois esta possui pouco poder de investimento para acompanhar o assim chamado progresso tecnológico” (2008, p. 131).

Além disso, outro mecanismo das empresas produtoras de sementes modificadas, híbridas e transgênicas, e que apontamos como de fundamental importância para entender a lógica capitalista de produção agrícola, é a obrigatoriedade de aquisição, por parte do agricultor, de novas sementes transgênicas a cada produção, em consequência de que as sementes transgênicas são estéreis e produzem apenas uma vez, obrigando o agricultor a comprá-la novamente.

Em nossas entrevistas junto à agroecologistas do município de Irati, pudemos observar que existe a percepção desse processo de mercantilização e dependência impostos. Segundo a agricultora Terezinha, “as empresas que comercializam sementes convencionais visam somente lucro, muitas vezes as sementes convencionais não produzem, pois necessitam de uma série de produtos químicos, comercializado pelas mesmas empresas que vendem a semente”.

Não bastasse essa dependência dos agricultores em relação às empresas produtoras e detentoras das sementes geneticamente modificadas, também apontamos, como situação conflitante, a existência da contaminação, por polinização, de áreas produzidas com sementes crioulas por sementes geneticamente modificadas cultivadas em áreas vizinhas. Isto ocorre, visto que na agricultura existem variedades de plantas que possuem polinização aberta e fechada. Na polinização aberta as plantas estão vulneráveis a polinização por insetos, animais, vento ou outros meios naturais. Ou seja, as plantas com polinização aberta, como é o caso do milho, estão suscetíveis a interferências externas.

Assim, com a inserção das sementes transgênicas ocorre a contaminação de lavouras e a criminalização dos camponeses. É ilustrativo o caso da produção de milho a partir de sementes transgênicas e que contaminam as lavouras de milho produzidas com sementes crioulas. Segundo Andrioli, “o caso do milho é o mais grave, pois se trata de uma planta com polinização aberta e cruzada. Nesse caso, a contaminação de lavouras é inevitável” (2008, p. 260).

Outra estratégia predatória do sistema capitalista agrícola industrial é desconstruir e desconsiderar todo o conjunto de saberes e conhecimentos tradicionais acumulados por gerações sobre o uso e manejo da terra de forma sustentável. Na contramão da sustentabilidade, de acordo com Cassol, o modelo de agricultura convencional “vem causando a degradação da natureza, a baixa fertilidade e degradação dos solos e acelerado a redução das áreas produtivas” (2013, p.13).

Os agroecologistas como guardiões das sementes e da agrobiodiversidade

Contrapondo esta configuração territorial geradora de dependência e contaminação que a modernização agrícola proporciona, destacamos a a prática agroecológica dos camponeses via o cultivo e a cultura das sementes crioulas, que tem se apresentado como forma integrativa e alternativa para as famílias resistirem ao intenso ataque do capital, que tem expulsado, empobrecido e envenenado esses sujeitos do campo.

Como aponta Cassol (2013, p. 13), “[a] agricultura familiar no Brasil é a maior responsável pela produção de alimentos, e vem cada vez mais se inserindo na busca de alternativas que favoreçam sua manutenção, autonomia e permanência no campo”. Além das características emancipatórias, os cultivares crioulos e agroecológicos são totalmente livres de agrotóxicos, das sementes geneticamente modificadas e insumos derivados da indústria

química. Nesse sentido, a cultura das sementes crioulas é responsável pela manutenção e evolução não só da agricultura familiar como também fundamental para a sustentação da agrobiodiversidade.

A semente crioula tem origem natural, ou seja, são variedades silvestres, e que foram descobertas, guardadas e utilizadas pelas civilizações ao longo da história da agricultura. As sementes crioulas por serem nativas, possuem características particulares propiciadas pelo entorno natural donde se desenvolvem, e por isso, são mais resistentes às condições climáticas daquela região e também mais resistentes às pragas e enfermidades, além de possuírem características nutricionais superior aos encontrados nas sementes convencionais.

Como aponta Dornelles [et al.]: “O uso das sementes crioulas garante a soberania alimentar, preserva o patrimônio genético e a manutenção da cultura local, o conhecimento tradicional, promovendo a preservação da biodiversidade” (2016, p.7).

Com isso, destacamos o trabalho indispensável e fundamental para a manutenção da agrobiodiversidade e da agricultura familiar, que realizam os(as) guardiões(as) das sementes crioulas, isso é, as pessoas que são responsáveis por cultivar, armazenar e repassar para outros agricultores as sementes crioulas, com o objetivo de multiplica-las para assim manter a autonomia dos agricultores frente ao intenso ataque que realiza o modelo de agricultura convencional.

De acordo com relatos dos agricultores entrevistados durante esta pesquisa, a importância dos guardiões das sementes também está representada pela manutenção, permanência e futuro das sementes crioulas, que, por sua vez, são responsáveis por garantir a autossuficiência da agricultura familiar, uma vez que, com as sementes crioulas o agricultor permanece independente das empresas que comercializam sementes convencionais.

“O início de tudo está nas sementes”, aponta o agricultor Roberto, destacando a importância e justificando a relevância das pesquisas sobre sementes crioulas. Concordamos que, de fato, é a partir das sementes que podemos avaliar a sujeição ou a autonomia dos agricultores, portanto, as sementes crioulas são uma importante ferramenta de resistência ao capital.

Destacamos aqui o que conseguimos constatar participando da 15ª Feira Regional de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade e 1ª Festa dos Guardiões de Sementes que aconteceu no município de Teixeira Soares-PR, durante os dias 11 e 12 de agosto de 2017, que reuniu aproximadamente 3.000 pessoas. Entre os envolvidos no encontro, destacamos a

presença dos agricultores e agricultoras familiares, indígenas, assentados da reforma agrária, estudantes, professores, gestores públicos e pesquisadores. Durante a 15ª Feira Regional de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade, foram realizadas entrevistas com os agricultores que dispuseram suas sementes para troca durante a feira de sementes.

Como aponta a Sra. Terezinha, agricultora da comunidade Arroio Grande Irati-PR, que além de agroecologista e feirante no projeto de extensão Feira Agroecológica (UNICENTRO, Campus Irati-PR), também é, há 15 anos, Guardiã das Sementes Crioulas: “Guardiões das sementes são, (...) exemplos de pessoas que cuidam, guardam e dividem as sementes crioulas com outros agricultores para não perder”, afirma Terezinha Lima dos Santos.

A Sra. Terezinha, aponta ainda para a importância das feiras de troca de sementes crioulas: “A feira de sementes oferece oportunidade de troca entre os agricultores, possibilitando que os agricultores consigam novas sementes e também possam oferecer as suas sementes”.

A 15ª Feira Regional de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade e 1ª Festa dos Guardiões de Sementes foi promovido pelo Coletivo Triunfo e por organizações da agricultura familiar e entidades parceiras. O grupo Coletivo Triunfo é constituído por mais de 40 integrantes com origem em 10 municípios da região Centro-Sul do Paraná e Planalto Norte Catarinense, dentre os quais destacamos representantes de grupos e associações comunitárias, cooperativas de agricultores familiares, professores e estudantes de escolas técnicas e universidades públicas, dirigentes sindicais, gestores públicos municipais e estaduais e assessores técnicos de ONGs.

O Coletivo Triunfo tem como ação coletiva o fortalecimento mútuo na promoção da agroecologia e também no campo da participação política nos níveis local, estadual e federal. Na pauta da 15ª Feira Regional de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade e da 1ª Festa dos Guardiões de Sementes, destacamos, além da criação de um programa estadual e de programas municipais de sementes crioulas e orgânicas para a agricultura familiar, também, a defesa e a manutenção das conquistas políticas recentes, como o PAA, o PAA Sementes, o PNAE, as chamadas de ATER e a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica, assim como, o fortalecimento dos espaços locais de construção de políticas públicas, como os conselhos de segurança alimentar, desenvolvimento rural, meio ambiente e assistência social.

O encontro permitiu um espaço de reflexão e debate sobre a importância das sementes crioulas e em defesa da agricultura familiar. Na Feira foram expostas variedades de sementes

crioulas, mudas de plantas ornamentais e árvores frutíferas, assim como exposições técnicas e troca de experiências agroecológicas.

“Os guardiões das sementes garantem sementes crioulas para as próximas gerações”, aponta a Sra. Bernadete Dero, sobre a importância dos guardiões das sementes.

Resultados e discussões:

A partir da pesquisa sobre a cultura e o cultivo das sementes crioulas, procuramos trazer para este texto as primeiras análises e considerações, ainda parciais, sobre a permanência da cultura e do cultivo das sementes crioulas no município de Irati-PR buscando levantar se o manejo das sementes crioulas está contribuindo para a autonomia, resistência e permanência do agricultor no campo. Para isso, buscamos identificar a origem das sementes crioulas utilizadas pelos camponeses vinculadas à agroecologia na região de Irati-PR, desde a origem das sementes, seleção, custos, formas de plantio.

Nesse intento, até o momento, além de identificar, no município de Irati-PR, 8 (oito) famílias agroecologistas provindas das comunidades rurais Arroio Grande, Acampamento Mario Lago, Pirapó, Rio Corrente, Guamirim e Riozinho, também foram realizadas saídas de campo e entrevistas com a família Santos, composta pelos agricultores Sr. Roberto e Sra. Terezinha, agroecologistas da comunidade rural Arroio Grande e com a família composta pelo Sr. Paulo Cazusa e Sra. Bernadete Dero, agroecologistas do Acampamento Mario Lago (MST).

Nesse sentido, a importância da cultura camponesa de troca e partilha das sementes é ilustrada pelos cultivares crioulos de aipim, arroz, feijão e milho da família Santos, da comunidade Arroio Grande, que nos explica que as sementes desses cultivares são provenientes de trocas realizadas durante os anos de 2002 a 2005, período em que Roberto esteve à frente da organização de grupos e associações de agroecologistas. Outros cultivares da família, como a abóbora, foram selecionadas e repassadas entre a própria família, desde seus avós.

Tal depoimento vem ao encontro do que Garcindo destaca: as sementes crioulas resistem até nossos dias porque foram preservadas pelo sistema tradicional de agricultura e repassadas de geração em geração (2009, p. 8).

Em entrevista ainda com a família Santos identificamos que na sua unidade familiar de produção, as técnicas e práticas empregadas são agroecológicas e vem sendo utilizadas há mais

de dezesseis anos. A agricultora Terezinha nos explica que a família conheceu a agroecologia por meio de um curso desenvolvido pela Escola Sul da CUT, intitulado “Terra Solidária”, onde foi apresentado as técnicas e práticas agroecológicas.

Também identificamos, a partir da entrevista, que as sementes utilizadas na unidade familiar em questão são exclusivamente de origem crioula. De acordo com os agricultores Roberto e Terezinha, a utilização das sementes crioulas se dá principalmente como forma de resistência e autonomia para a família.

Diferentemente das convencionais, as sementes crioulas além de não necessitarem da aplicação de produtos químicos durante sua produção, também apresentam índices de rendimento e qualidade superior ao produzido com sementes convencionais. Como ressalta a Sra. Terezinha, “as sementes crioulas foram e são melhoradas pelos próprios agricultores, isto ajuda para que a planta se desenvolva melhor e produza alimentos de qualidade”.

A Sra. Terezinha, afirma que as sementes crioulas são muito importantes para a agricultura familiar de Irati-PR, pois além de as sementes crioulas se constituírem como a base da agroecologia, elas também proporcionam e representam a interação e aproximação entre os agricultores, tendo em vista que, geralmente, são obtidas a partir de trocas entre agricultores da mesma comunidade, nas feiras de sementes e nas Jornadas de Agroecologia.

Em entrevista com a Sra. Terezinha, mapeamos a origem das sementes de variedades de feijão crioulo utilizada em sua unidade familiar de produção (Tabela 1) e em seguida mapeamos a origem das sementes crioulas que a agricultora adquiriu na partilha de sementes realizada durante a 16ª Jornada de Agroecologia (Tabela 2).

| CULTIVARES | ORIGEM DA SEMENTE CRIOULA |
|-----------------------|--|
| Feijão Jaulo Rajado | Trocou na 14ª Jornada de Agroecologia (Irati-PR) |
| Feijão Rosinha | Trocou na 15ª Feira Regional de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade e 1ª Festa dos Guardiões de Sementes – Município de Teixeira Soares-PR |
| Feijão Vermelho | Trocou com a família de Paulo Cazuza e Bernadete |
| Feijão Preto Manteiga | Ganhou na 15ª Jornada de Agroecologia (Lapa-PR) |
| Feijão Preto Irapuru | Comprou de outro agricultor |

Tabela 1: Variedades e origens de feijão produzidos na unidade familiar de produção da família Santos.

| CULTIVARES | ORIGEM DA SEMENTE CRIOLA |
|-------------------|--|
| Milho Caiano | Assentamento Guanabara, Imbaú-PR |
| Milho Caiano | Assentamento Eli Vive localizado a 10 km do distrito de Lerroville (e a 64 km de Londrina-PR). |
| Milho Caiano | Acampamento Maria Rosa (Contestado Castro-PR) |
| Vassoura | Assentamento Quilombo dos Palmares (Londrina – PR) |
| Buchinha | Jamelão – (São Gerônimo da Serra – PR) |
| Feijão Cariquinha | (São Gerônimo da Serra – PR) |
| Feijão Manteiga | Pré-Assentamento Resistência Camponesa (Cascavel-PR) |
| Girassol | Brigada Cacique Cretã (São Gerônimo da Serra – PR) |
| Lab-Lab | Escola Milton Santos (Maringá-PR) |
| Moranga | Acampamento Sebastião Camargo |
| Batata Yacon | Comunidade Caracol (Lapa- PR) |
| Quiabo | Assentamento Valmir Mota de Oliveira (Cascavel-PR) |
| Abóbora | Pré-assentamento Resistência Camponesa (Cascavel-PR) |
| Pau Brasil | Assentamento Quilombo dos Palmares (Londrina – PR) |
| Goiaba | Assentamento Quilombo dos Palmares (Londrina – PR) |

Tabela 2: Sementes crioulas adquiridas na 16ª Jornada de Agroecologia (Lapa-PR)

De acordo com as Tabelas 1 e 2, podemos identificar que a maioria das sementes utilizadas na unidade familiar de produção da Sra. Terezinha, são oriundas de trocas ou doações que os próprios realizam entre outros agricultores. Evidenciando a importância das sementes crioulas como mecanismo de autonomia e resistência dos camponeses.



Imagem 1 - Sementes crioulas que a agricultora Terezinha trouxe da 16ª Jornada de Agroecologia

No entanto, a Sra. Terezinha aponta para as dificuldades enfrentadas para a manutenção das sementes crioulas, como, por exemplo, as intemperes climáticas que interferem diretamente na produção e conseqüentemente na perda de variedades sementes; nas dificuldades em trocar e obter sementes, tendo em vista que esta cultura de troca das sementes crioulas vem sendo amplamente atingida pelas empresas de sementes convencionais; no fácil cruzamento com variedades híbridas e transgênicas, contaminando a unidade familiar de produção; e a falta de apoio e incentivo do Estado.

A agricultora Terezinha Lima dos Santos, afirma ainda que, “[p]or conta das dificuldades, muitas sementes foram perdidas e por isso a importância da feira de troca para recuperar as sementes, hoje na 15ª Feira Regional de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade, consegui recuperar 5 variedades de sementes crioulas”, com isso, é possível constatar a riqueza das feiras de troca de sementes crioulas e do valor que as sementes representam para os agricultores.

Na unidade familiar de produção composta pelos agricultores Sr. Paulo Cazuzu e Sra. Bernadete Dero, da comunidade Acampamento Mario Lagos (MST), são produzidas

atualmente vinte e duas variedades com sementes crioulas e em toda a unidade de produção são utilizadas técnicas agroecológicas.

Destacamos que entre os cultivares crioulos, existem algumas variedades que estão presentes na unidade familiar de produção desde a chegada da família no local, como é o caso da Couve Manteiga, Salsinha, Cebolinha, Limão Taiti e Laranja, cultivares que, segundo o depoimento da entrevistada, estão há mais de treze anos na unidade familiar de produção. Como aponta a Sra. Bernadete Dero, sobre a importância da cultura e do cultivo das sementes crioulas, “as melhores sementes para nós são as crioulas, cuja origem está relacionada principalmente com as trocas entre os agricultores e aquelas oriunda da própria unidade de produção e que são guardadas da colheita para a próxima produção”.

A agricultora, complementa que as sementes crioulas significam ser autossuficiente, plantar sem precisar comprar semente convencional. Para ela, com as sementes crioulas o agricultor é independente das empresas que comercializam sementes convencionais. A agricultora Bernadete Dero, aponta ainda outras vantagens das sementes crioulas, como, por exemplo: a resistência ao clima (resistência superior ao das sementes convencionais); baixo custo de produção (as sementes crioulas não necessitam da utilização de fertilizantes e insumos químicos); sabor e qualidade (diferença entre a qualidade dos alimentos produzidos com sementes crioulas); disponibilidade da semente no tempo certo (geralmente as sementes são oriundas da própria unidade familiar de produção, disponibilizando as sementes de acordo com a época).

Os agricultores Paulo Cazuza e Bernadete Dero identificaram a origem das variedades crioulas utilizadas em sua unidade familiar de produção, e entre as vinte e duas variedades crioulas, apuramos oito origens distintas das sementes. Conforme Tabela 3:

| CULTIVARES | ORIGEM DA SEMENTE CRIOLA |
|--|---|
| Feijão Jaulo Rajado; Arroz Agulhinha; | Troca entre agricultores do projeto de extensão Feira Agroecológica UNICENTRO/Campus Irati-PR |
| Milho Doce; Arroz; Amora | Troca entre agricultores da própria comunidade |
| Couve Manteiga; Salsinha; Cebolinha; | Doação do MST |

| | | |
|---|----------------|---|
| Quiabo; Branco; Amarelo; Pepino; | Milho Milho | Doação da 14ª Jornada de Agroecologia Município (Irati-PR) |
| Mandioca | | Doação da 13ª Jornada de Agroecologia (Maringá-PR) |
| Mimosa; Pera | | Doação do Projeto Agrofloresta (Lapa-PR) |
| Pêssego | | Doação da Secretaria de Agropecuária, Abastecimento e Segurança Alimentar do Município de Irati-PR |
| Morango | | Doação do projeto de produção de morangos orgânicos, parceiro do projeto de extensão Feira Agroecológica UNICENTRO/Campus Irati-PR |
| Feijão Jaulo Rajado; Feijão Olho de Pomba; | | Comprou na 15ª Feira Regional de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade e 1ª Festa dos Guardiões de Sementes – Município de Teixeira Soares-PR |
| Milho Caiano | | Assentamento Eli Vive localizado a 10 km do distrito de Lerroville (e a 64 km de Londrina-PR). |
| Semente da Árvore Pão Brasil | | Assentamento Quilombo dos Palmares (Londrina – PR) |
| Arroz agulhinha | | Assentamento Maria Lara (Centenário do Sul-PR) |
| Arroz Agulhinha | | Acampamento Fidel Castro ???? |
| Mandioca amarela | | Assentamento Valmir Mota de Oliveira (Cascavel-PR) |
| Pipoca amarela | | Assentamento Resistência Camponesa (Cascavel-PR) |
| Feijão Leite | | Acampamento Quilombo dos Palmares (Londrina-PR) |
| Feijão Irapuru | | Município de Ivaiporã-PR |
| Café natural | | Campo Vivo |
| Feijão Branco | | Acampamento Dom Tomás Balduino (Quedas do Iguaçu-PR) |
| Arroz agulhinha | | Acampamento Fidel Castro (Centenário do Sul-PR) |
| Feijão Manteiga | | Acampamento Isac Miola - II Vizinhos do Sudoeste-PR |

Tabela 3: Variedades que estão sendo produzidas na unidade de produção da família Cazusa e Dero.



Imagem 2 - Sementes crioulas que o agricultor Paulo Cazuzza trouxe da 16ª Jornada de Agroecologia

Na unidade familiar de produção, além dos cultivares oriundo de sementes crioulas, os agricultores Paulo Cazuzza e Bernadete Dero, assinalaram dez variedades de cultivares que são produzidas com sementes convencionais. As sementes convencionais utilizadas nesta unidade familiar de produção, são adquiridas, há mais de dois anos, em um mesmo estabelecimento comercial próximo e os agricultores ressaltam que conhecem “a procedência das sementes e as técnicas utilizadas pelo estabelecimento”.

Nesse sentido, os agricultores reconhecem que a compra de sementes convencionais ou muda convencional não é adequada para a agricultura agroecológica, no entanto, nesse momento, algumas variedades de sementes crioulas estão bem difíceis de conseguir e por isso o agricultor se vê obrigado a adquirir sementes convencionais. “Porque ainda não conseguimos produzir nossas próprias sementes, o agricultor deveria ter e ser responsável pela própria

semente, como era no antigamente. É o que podemos fazer para conseguir produzir”, afirma Paulo Cazuzu.

Considerações Finais:

A partir das entrevistas e trabalhos de campo foi possível compreender que as sementes crioulas se configuram como um instrumento de autonomia, resistência e permanência do agricultor no campo, frente ao intenso ataque que o modelo agrícola convencional vem praticando. Isto acontece por conta das práticas solidárias que permeiam a agroecologia e as sementes crioulas, como é a troca e partilha das sementes crioulas que acontecem historicamente entre as famílias de agroecologistas.

Entre as dificuldades apontadas pelos agricultores, está o fato de que muitas variedades de sementes crioulas que antes eles cultivavam desapareceram de suas regiões. A realização da troca em outros municípios e mesmo outros estados dificulta e encarece a produção. A falta de incentivos ou financiamentos governamentais para a aquisição das sementes crioulas é apenas um dos aspectos da estratégia do capital para tornar o agricultor dependente dos pacotes tecnológicos. Na verdade, vemos ocorrer o desaparecimento e a extinção de variedades de sementes crioulas, como resultado da modernização da agricultura que está privatizando e mercantilizando as sementes.

A cultura e o cultivo de sementes crioulas possibilitam ao camponês a produção do seu próprio alimento e ainda a autonomia para as próximas produções, libertando-o das amarras das empresas transnacionais de sementes transgênicas e mantendo suas práticas e tradições. Saúde pública, respeito à biodiversidade, autonomia: esses preceitos presentes nas práticas de (re)existência dos agroecologistas com o cultivo das sementes crioulas, vem se apresentado como forma de resistência camponesa ao modelo capitalista de produção, na luta pela terra e pela soberania alimentar.

A partir da pesquisa percebemos também as barreiras que a agricultura familiar encontra para conseguir manter a cultura e o cultivo de sementes crioulas. Nesse sentido, a cultura e cultivo de sementes crioulas se apresenta como uma clara forma de resistência às grandes empresas transnacionais que controlam as sementes e portanto, tornam-se ferramentas de

resistência e autonomia camponesa, possibilitando ao agricultor ser responsável pela produção do seu próprio alimento bem como o armazenamento, utilização e troca das sementes.

Com isso, destacamos a importância da cultura e do cultivo com sementes crioulas que se faz presente até os dias de hoje através de trocas de sementes entre os agricultores. De acordo com a arta política da 15ª Feira Regional de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade e 1ª Festa dos Guardiões de Sementes: “Trocar sementes faz parte da luta diária da agricultura familiar, e celebrar os guardiões e as guardiãs da agrobiodiversidade é dar destaque à contribuição passada, presente e futura desses milhares de agricultores para a conservação das variedades crioulas de sementes”.

Referências Bibliográficas

ANDRIOLI, A. I; FUCHS, R. Transgênicos: as sementes do mal. A silenciosa contaminação de solos e alimentos. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

BORDA, Orlando Fals. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). Pesquisa Participante. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 42-62

DORNELLES M. S. [et al.]. Cartilha Sementes Crioulas. Urutaí, GO: IF Goiano, 2016, 18 p.

GARCINDO, L. O cultivo de sementes crioulas no sudeste goiano: uma forma da (re)existência camponesa no campo. XIX ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, São Paulo, 2009, pp. 1-17

GONÇALVES, S. Campesinato, resistência e emancipação: o modelo agroecológico adotado pelo MST no Estado do Paraná. 2008. 311 f. (Tese doutorado), UNESP, Presidente Prudente, 2008.

MENDONÇA, M. R.; GARCINDO, L. GEOGRAFIA E CULTURA: “Novas” formas de luta e (Re)Existência dos trabalhadores/camponeses no campo. Revista Brasileira de Agroecologia, [S.l.], v. 4, n. 2, dez. 2009. ISSN 1980-9735. Disponível em: <<http://aba-agroecologia.org.br/revistas/index.php/rbagroecologia/article/view/9723>>. Acesso em: 06 jun. 2017.

PELÁ, M; MENDONÇA M. R. Cerrado goiano: encruzilhada de tempos e territórios em disputa. In: PELÁ, M; CASTILHO D. (orgs.). Cerrados: perspectivas e olhares – Goiânia: Editora Vieira, 2010. p. 51 -69.

BALESTRO, M. V; SAUER, S. A diversidade no rural, transição agroecológica e caminhos para a superação da Revolução Verde: introduzindo o debate. In: SAUER, S; BALESTRO, M. V. (orgs.) Agroecologia e os desafios da transição agroecológica – 2. ed. – São Paulo: Editora Expressão Popular, 2013. 328 p.